

Novembro Azul: que remédios mudaram a realidade de pacientes com câncer de próstata?

Urologista e professor de Medicina do Centro Universitário São Camilo – SP, Álvaro Bosco, explica como o surgimento de novas substâncias nos últimos anos contribuiu para o aumento da sobrevivência de pessoas com câncer de próstata avançado

Em constante evolução, a Medicina é um dos indicadores mais notáveis da passagem do tempo. Esse aperfeiçoamento pode ser percebido em menor ou maior escala, e no caso dos pacientes com câncer de próstata, é sinônimo de vida. O surgimento de novos medicamentos ao longo dos últimos anos alterou drasticamente a realidade de quem lida com a doença em um estágio avançado.

“A grande mudança mais recente é que têm sido desenvolvidas novas drogas – principalmente relacionadas a algumas mutações genéticas – que aumentam a sobrevivência do paciente que tem um câncer de próstata avançado. De um a dois anos pra cá, esses medicamentos têm sido utilizados cada vez mais na prática”, detalha Álvaro Bosco, urologista e professor de Medicina do Centro Universitário São Camilo – SP.

Entre as substâncias mais modernas, o médico destaca o Olaparibe, cujo uso para tratar pacientes com câncer de próstata metastático resistente à castração foi aprovado em 2021 pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). O medicamento, conhecido também pelo nome comercial Lynparza, é ministrado via oral e também pode ser utilizado no tratamento de cânceres de ovário e de mama.

“Se compararmos aos pacientes que tinham uma doença metastática há 15 anos, hoje, essas pessoas têm vivido mais por uma série de medicações novas”, avalia Bosco. Ele cita, ainda, as substâncias Enzalutamida e Acetato de Abiraterona como opções viáveis para o tratamento de pacientes com esse mesmo perfil. A primeira é comercializada como Xtandi e foi aprovada pela Anvisa em 2014, enquanto a segunda teve sua aprovação em 2011. Ambas são de uso oral.

“Em um somatório da utilização dessas drogas, unindo alguns meses com um medicamento e meses com outro, alternadamente, o paciente acaba vivendo mais”, explica.

Recomendação

Embora a evolução das perspectivas de tratamento seja promissora, o diagnóstico precoce continua exercendo papel fundamental na vida do paciente. Álvaro Bosco reforça que, pela Sociedade Brasileira de Urologia, a recomendação é de que os exames preventivos sejam iniciados aos 50 anos de idade, se o paciente não tiver histórico familiar. “Se for uma pessoa negra ou tiver algum familiar de primeiro grau (pai ou irmão) com câncer de próstata, então deve começar aos 45 anos. E sempre passar pelos exames de toque e PSA, anualmente; isso é o básico que todos os pacientes deveriam fazer”, afirma.

Mais informações para a imprensa:



Fatima Capucci – (11) 99242-7909
fatima.capucci@activacomunicacao.com.br

Barbara Câmara – (11) 97631-4790
bcamara@activacomunicacao.com.br

Carolina Fleischman – (11) 99806-7768
c.fleischman@activacomunicacao.com.br